

# Narcisismo Contemporâneo: Uma Abordagem Laschiana\*

ALEXANDREA A. RIBEIRO WANDERLEY \*\*

## RESUMO

---

### **Narcisismo contemporâneo: uma abordagem laschiana**

Este artigo visa a retomar algumas das principais teses do historiador Christopher Lasch acerca da subjetividade contemporânea. Utilizando o conceito psicanalítico de narcisismo para produzir um diagnóstico de nossos tempos, Lasch propõe uma interessante relação entre indivíduo e sociedade — questão inerente a todo pensamento sociológico. Pretendemos sustentar a importância da noção laschiana de uma ética da sobrevivência narcísica para a análise do mundo globalizado, onde a escassez de ideais comuns e o conseqüente recuo da política parecem apontar para a intensificação do investimento no bem-estar individual como a única alternativa válida.

**Palavras-chave:** Subjetividade contemporânea; narcisismo; psicopatologia.

---

\* Trabalho apresentado como requisito para a conclusão da disciplina Saúde Coletiva, ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Antônio de Castro Santos, no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (mestrado), do Instituto de Medicina Social da UERJ, 1998.

\*\* Psicanalista, psicólogo especializado em Saúde Mental pelo Instituto Philippe Pinel. Mestrando em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social da UERJ.

## ABSTRACT

---

### **Contemporary narcissism: a Laschian approach**

The article resumes some of the main theses on contemporary subjectivity, conceived by the historian Christopher Lasch. Departing from the psychoanalytical concept of narcissism in order to make up a diagnosis of our time, Lasch proposes an interesting relation between the individual and the society — an issue concerning every sociological thought. We intend to support the importance of the Laschian idea of a narcissistic survival ethics in the analysis of a globalized world, where the scarcity of collective ideals and the consequent reversal of policies seem to be pointing at an intensification of investments in the individualist welfare as the sole alternative.

**Keywords:** Contemporary subjectivity; narcissism; psychopathology.

## RÉSUMÉ

---

### **Narcissisme contemporain: une approche laschien**

Cet article vise à reprendre quelques unes des thèses principales du historien Christopher Lasch à propos de la subjectivité contemporaine. En s'utilisant du concept psychanalytique de narcissisme pour produire un diagnostic de nos jours, Lash propose un rapport intéressant entre individu et société — question immanente à toute pensée sociologique. Nous prétendons soutenir l'importance de la notion laschienne d'une éthique de survivance narcissique pour l'analyse du monde globalisé, où la rareté des idéaux communs et le conséquent recul de la politique semblent aller vers l'intensification de l'investissement du bien-être individuel comme la seule alternative valide.

**Mots-clé:** Subjectivité contemporaine; narcissisme; psychopatologie.

Recebido em 6/10/98.

Aprovado em 16/12/98.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo abordar as **relações entre indivíduo e sociedade**. Salientemos, de início, que não se trata aqui de retomar a célebre “dualidade inerente à sociologia”, expressão utilizada por Elisa Reis (1989) para se referir à oposição entre a tradição sociológica francesa e a alemã. Antes, nosso interesse é examinar alguns tópicos relativos à sociologia da saúde mental e à interface entre a sociologia, a psicanálise e a psicopatologia. Tomando esta visão multidisciplinar como ponto de partida, buscaremos estabelecer possíveis relações entre certas características das sociedades ocidentais contemporâneas e alguns traços psicológicos típicos dos indivíduos urbanos. Para tanto, utilizaremos, fundamentalmente, os estudos do historiador Christopher Lasch, em particular o livro *A cultura do narcisismo* (1983), publicado originalmente em 1979.

Parece-nos que o relevo das pesquisas de Lasch reside na acuidade com que analisa o material histórico de que lança mão, o que confere embasamento à sua *démarche*. Além disso, a apropriação de um referencial psicanalítico permite formular hipóteses acerca dos fenômenos sociais que observa. É nesta medida que acreditamos que os estudos de Lasch se prestam ao tipo de reflexão que tencionamos realizar. Vejamos, então, em que consistem os pontos basilares da argumentação do autor.

### A Ética da Sobrevivência

Watson Christopher Lasch é considerado um dos mais severos críticos das sociedades industriais modernas. Inscreve-se, assim, na tradição da escola de Frankfurt, originada no início dos anos 30 e constituída por filósofos e pesquisadores alemães, como Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros. O historiador, que lecionou na Universidade de Rochester, morreu em 1994, aos 61 anos. Do seu legado, *A cultura do narcisismo* representa o livro mais conhecido e que se tornou um *best seller* após ter sido mencionado num dos pronunciamentos televisionados do então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter (Renwick, s/d).

O subtítulo do referido livro — *A vida americana numa era de esperanças em declínio* — bem poderia constituir uma espécie de sinopse da obra de Lasch. Seus estudos, especialmente voltados para a análise da origem e evolução da família burguesa nos séculos XIX e XX, apontam para

uma preocupação constante com os destinos da sociedade norte-americana. Acreditamos que, não obstante as particularidades dessa cultura, suas reflexões podem ser estendidas a outras sociedades industrializadas, nas quais predomina o individualismo como valor (Dumont, 1985; Velho, 1987). Isto posto, passemos ao essencial.

Em *A cultura do narcisismo*, Lasch propõe uma análise da sociedade americana que permita responder às diversas interrogações que o assaltam. Referindo-se ao que considera como esfacelamento da vida íntima a partir da década de 70, Lasch se pergunta:

“(...) por que o crescimento e o desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos de ser atingidos; por que o temor de amadurecer e de ficar velho persegue nossa sociedade; por que as relações pessoais se tornaram tão instáveis e precárias; e por que a ‘vida interior’ não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem” (Lasch, 1983: 37).

Ao censurar os que rotulam qualquer movimento de olhar para o passado como nostalgia, Lasch assevera a necessidade de uma análise histórica da sociedade e da política modernas para responder a essas indagações. Como veremos, a crítica do historiador às sociedades ocidentais burguesas se faz acompanhar da esperança na reforma da vida pública, única possibilidade de refrear a auto-observação narcisista de nossos tempos. Frisemos que, para o contexto deste trabalho, importa menos a proposta de reforma política elaborada por Lasch — não muito clara, diga-se de passagem — do que sua análise acerca da imbricação das esferas pública e privada nas sociedades contemporâneas.

“Após a ebulição política dos anos 60”, escreve Lasch, “os americanos recuaram para preocupações puramente pessoais” (1983: 24). Partindo desta constatação, o autor sugere que a decepção dos grupos de vanguarda radical dos anos 60 quanto aos resultados políticos do movimento, e a conseqüente retração da atividade política, estariam na base do culto da expansão da consciência, da saúde e do crescimento pessoal. Sentindo-se impotentes diante da burocratização generalizada da sociedade americana e atemorizados pela exaustão iminente dos recursos naturais e pela possibilidade de uma catástrofe nuclear, os militantes políticos de outrora passaram a se preocupar, quase exclusivamente, com o próprio bem-estar. Antes dispostos a dar a vida por um ideal, transformaram a sobrevivência física e psíquica num fim em si mesmo.

Das cinzas do sonho libertário de uma nova sociedade, surgem os homens narcisistas de nosso tempo. Os narcisistas se caracterizariam, segundo Lasch, pela superficialidade emocional, medo da intimidade, hipocondria, pseudo-autopercepção, promiscuidade sexual, horror à velhice e à morte. Também chamados novos radicais, são descrentes quanto à possibilidade de transformar o futuro, desprezam o passado e vivem para o momento, perdendo o sentido de continuidade histórica. Aludindo a esse “repúdio ao passado recente” — sintoma de uma crise cultural, à qual o livro se dirige — Lasch reproduz uma passagem do filme *Sleeper*, de Woody Allen, que teria captado os sentimentos dos anos 70: “soluções políticas não funcionam (...) acredito no sexo e na morte — duas experiências únicas em uma existência” (Lasch, 1983: 25).

Para Lasch, o embotamento das preocupações políticas teve uma exceção. No vácuo político deixado pela contracultura a partir da década de 70, começa a ganhar força um movimento social, a saber: a militância ecológica. Ocorre que, de acordo com Lasch, este movimento é absolutamente consonante com a ética da sobrevivência a que nos referimos. Em *O mínimo eu* (1987), Lasch nos diz:

“Os próprios movimentos de oposição — os movimentos pacifista e preservacionista — fazem da sobrevivência o seu lema. Evidentemente, eles se referem à sobrevivência do conjunto da humanidade, e não à sobrevivência cotidiana dos indivíduos; mesmo assim, refletem e reforçam uma mentalidade de sobrevivência. Apelam a um ‘compromisso moral com a sobrevivência’ (como propõe Richard Falk em seu manifesto ecológico *Este planeta ameaçado*), não levando em consideração o risco de que um tal compromisso, em vez de conduzir à ação política construtiva, possa também, com a mesma facilidade, levar a um esconderijo nas montanhas ou às políticas nacionais destinadas a preparar o país para sobreviver à guerra atômica. Os movimentos pacifista e preservacionista chamam a atenção para a criminosa indiferença de nossa sociedade diante das necessidades das gerações futuras; porém, inadvertidamente, reafirmam tal atitude, ao insistir, por exemplo, nos perigos da superpopulação e na irresponsabilidade de se trazer uma criança a um mundo já superlotado. Com freqüência, substituem um interesse abstrato no futuro por uma espécie de interesse palpável e emocional, que habilita as pessoas a fazerem sacrifícios em benefício próprio” (Lasch, 1987: 10-11).

Lasch não quer desmerecer a crescente conscientização ecológica, nem tampouco desvalorizar a oposição à corrida armamentista. Ao contrário, acredita que são movimentos imbuídos do espírito da ação política, única saída, segundo ele, para a crise das sociedades modernas ocidentais. Entretanto, chama a atenção para o perigo de se reforçar uma moral da sobrevivência, que se justificaria *per se*.

De modo semelhante, o psicanalista Contardo Calligaris atenta para o fato de que as políticas identitárias das minorias nos anos 80 e 90 se atrelaram às defesas de interesses particulares. Interesses que, no mais das vezes, estão referidos ao próprio corpo, deixando de lado ideais que visam ao bem comum. Em verdade, tais movimentos acabaram por assumir, frequentemente, uma postura separatista. Em suas palavras:

“O progressismo de repente abandonou seu projeto de transformação da sociedade como um todo e abraçou a causa dos particularismos. Aliás, descobriu tarde demais que, entre essas diferenças enfim reconhecidas, nenhum sonho de uma nova comunidade era praticável (Todd Gitlin, que já escreveu sobre os anos 60, descreveu essa transformação em *The left lost in the politics of identity*). As propriedades dos novos grupos que surgiram eram: 1) o traço comum de seus membros era real: a anatomia vira único destino (note-se que a escolha homoerótica dos *gays* não faz exceção, pois grande parte do movimento *gay* norte-americano recebeu entusiasticamente as hipóteses sobre a origem genética da homossexualidade); e 2) as razões políticas de sua luta não eram valores, mas interesses particulares, imediatos e reais. A prova dessas duas observações reside no fato de que os novos grupos são, por essência, separatistas: não aceitam em seu seio quem não traga consigo os traços anatômicos previstos e quem não tenha sofrido a discriminação ou a privação correspondentes. No grupo político tradicional, não precisava ser proletário para ser socialista ou comunista, nem ser empresário para ser liberal. Do mesmo jeito, as exigências da comunidade nacional podiam estar acima das preocupações individuais de seus membros. Assim, o burguês socialista, o operário liberal ou o contribuinte favorável a um aumento de imposto para sustentar a força bélica de sua nação demonstravam de alguma forma, por sua existência, que **o grupo não perseguia só interesses reais, mas também valores simbólicos, que para alguns contavam mais do que sua fortuna**” (Calligaris, 1996: 5-6 - grifo nosso).

Segundo Lasch, a crença do indivíduo moderno, de que a sociedade não tem futuro, embora se baseie em certo realismo sobre os perigos do devir, também incorpora uma incapacidade narcisista de se identificar com a posteridade ou de se sentir parte do fluxo da história. Neste sentido, Lasch afirma que

“a ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica está, então, radicada não meramente nas condições objetivas da guerra econômica, nas elevadas taxas de crimes e nos caos social, mas na experiência subjetiva do vazio e do isolamento” (Lasch, 1983: 77).

Na ausência de valores como justiça social e sentido de continuidade com gerações anteriores, a ética da sobrevivência constitui a marca distintiva da cultura do narcisismo. Como assevera Lasch,

“(...) as condições sociais hoje em dia encorajam uma mentalidade de sobrevivência, expressa em sua forma mais rude nos filmes de catástrofes ou em fantasias de viagens espaciais, que permitem uma fuga vicária do planeta condenado. As pessoas deixam de sonhar com a superação de dificuldades, mas simplesmente passam a sobreviver a elas” (Lasch, 1983: 75).

Essa cultura testemunha a transformação do individualismo competitivo e da ética do trabalho livre, característicos do início do capitalismo, na ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica. A busca da felicidade reduzida a uma preocupação narcisista com o eu é expressão, segundo Lasch, do homem psicológico do século XX — substituto do homem econômico e produto final do individualismo burguês.

A desqualificação da luta política dos anos 60 dá lugar, de acordo com Lasch, a um ataque à família burguesa, fonte de toda repressão emocional e sexual. Buscando contrapor-se aos valores tradicionais, o homem narcísico, ao invés de culpado, moralista ou reprimido, se diz liberado, permissivo e tolerante. Para Lasch, entretanto, a liberação sexual e a emancipação de antigos tabus não trazem nem a paz sexual, nem a espiritual. Ao contrário, a busca incessante do prazer se torna uma obsessão, freqüentemente seguida de queixas de vazio interior. Tampouco a proclamação da tolerância resultou numa maior compreensão ou aceitação do semelhante. O homem narcísico é indiferente a tudo e a todos que não lhe dizem respeito diretamente.

Neste ponto, pensamos ser possível estabelecer um paralelo entre a indiferença do homem narcísico e a atitude *blasé* dos habitantes das metrópoles, tal como Georg Simmel (1976: 11-25) descreveu, numa conferência proferida no início do século. A essência dessa atitude reside no embotamento do poder de discriminação diante do excesso de estímulos e informações inerentes às grandes cidades. Essa baixa reatividade do indivíduo *blasé* não significa, obviamente, incapacidade de diferenciar estímulos. Trata-se, segundo Simmel, de um estado de ânimo em que o valor atribuído às coisas, acontecimentos e pessoas é nivelado. Nos dias de hoje, nada mais emblemático dessa indiferenciação do que a relativa naturalidade com que assistimos às variadas notícias veiculadas pelos telejornais: uma criança passando fome, gols de uma partida de futebol, corpos das vítimas de um ataque terrorista, a gravidez de uma apresentadora infantil, falsificação de medicamentos, aventuras extraconjugais de um chefe de Estado. A miríade de imagens que desfilam diante de nossos olhos parece ter a mesma relevância. Pensamos que o denominador comum ao homem narcísico e ao indivíduo *blasé* consiste na progressiva perda da capacidade de indignar-se, restando a contemplação passiva como resposta aos infortúnios de nossa vida pública.

Retomemos por um instante a questão da crítica à moralidade burguesa, intensificada a partir da década de 70, porquanto este é um tópico central na argumentação de Lasch. Como foi visto, a energia empregada no movimento da contracultura passa a ser canalizada para o ataque à família tradicional burguesa. Segundo o autor, a ideologia individualista acaba por produzir um meio familiar anômico, onde prevalecem princípios idiossincráticos de orientação social, baseados no respeito à liberdade e ao desejo de cada um. A família tradicional, calcada na ampla sociabilidade e no modelo hierarquizante, passa por um processo de nuclearização e se transforma gradativamente em família igualitária e individualizante. É assim que, destituída dos princípios morais que orientavam sua conduta, a família se dirige, progressivamente, para fora de seus limites, em busca de parâmetros que a auxiliem na tomada de decisão diante de tal ou qual impasse. O recurso a profissionais de saúde — os tecnoburocratas, na definição de Lasch — torna-se regra e retira paulatinamente a autonomia que a família burguesa já teve na resolução de seus problemas.

Neste sentido, Lasch afirma que o clima contemporâneo não é religioso, mas terapêutico, e adverte:

“Tendo desbancado a religião como a moldura organizadora da cultura americana, a visão terapêutica ameaça também desbancar a po-

lítica, o último refúgio da ideologia. A burocracia transforma as queixas coletivas em problemas pessoais acessíveis à intervenção terapêutica” (Lasch, 1983: 34).

Para Lasch, os novos radicais estão, sem saber, reforçando o sistema ao qual se buscam contrapor. A atrofia das tradições mais antigas de auto-suficiência minou a competência cotidiana, em uma área após a outra, e tornou o indivíduo dependente do Estado, da corporação e de outras burocracias. O narcisista funcionaria, então, como peça perfeita da engrenagem, ideal para a sociedade burocrática e planejada. Ao invés da “socialização da produção”, afirma Lasch, assistimos à “socialização da reprodução”: os pais perderam o direito de educar moralmente os filhos e são induzidos a consumir os serviços dos tecnoburocratas da sociedade do bem-estar. Assim sendo, ao atacarem a família, os radicais reforçam o programa racionalizador do Estado.

## O Narcisismo Patológico

Em *A cultura do narcisismo*, Lasch se serve de uma série de teóricos da psicanálise anglo-americana que desenvolveram estudos sobre as personalidades narcisistas. Comparando a descrição dessas personalidades com a descrição do indivíduo urbano, Lasch encontra semelhanças — tais como temor intenso da velhice e da morte, senso de tempo alterado, fascínio pela celebridade, medo da competição, declínio do espírito lúdico. O autor sustenta que o indivíduo narcísico se origina de mudanças específicas na sociedade americana. Essas mudanças dizem respeito à burocracia, à proliferação de imagens, às ideologias terapêuticas, à racionalização da vida interior, ao culto do consumismo e, em última análise, às mudanças na vida familiar.

Assim, Lasch considera que o narcisismo não deve ser concebido como “metáfora da condição humana”, pois deste modo não se poderia relacionar aquelas patologias ao contexto histórico em que surgem. Entretanto, a originalidade do estudo de Lasch não reside, como se pode pensar, na relação entre o conceito de narcisismo e as características psicológicas do indivíduo americano típico<sup>1</sup>. Outros autores, como Eric Fromm e Richard Sennett, já haviam assinalado o caráter narcísico das sociedades ocidentais, marcadas

<sup>1</sup> Caberia aqui uma objeção: afinal, quem é este “indivíduo típico”, seja ele habitante dos Estados Unidos ou pertencente a outras sociedades ocidentais urbanizadas? Conquanto reconheçamos a pertinência de tal objeção, levando-se em conta o alto grau de generalização que a categoria “indivíduo típico” encerra, pensamos que não retira a validade da noção. Evi-

pela invasão da esfera de sociabilidade pública pela esfera do privado<sup>2</sup>. A novidade da argumentação de Lasch pode, a nosso ver, ser considerada a partir de dois aspectos, quais sejam: 1) devassamento da esfera privada, e 2) caracterização do narcisismo do indivíduo moderno como sendo de cunho patológico. Como veremos adiante, há uma relação direta entre esses dois aspectos. Atenhamo-nos por ora às palavras de Lasch, acerca do narcisismo patológico encontrado em certas desordens de caráter:

“(...) os pacientes que começaram a se apresentar para tratamento nos anos 40 e 50 muito raramente lembravam as neuroses clássicas que Freud descrevera com tanta profundidade. Nos últimos 25 anos, o paciente fronteiro, que vai ao psiquiatra não com sintomas bem definidos, mas com insatisfações difusas, tornou-se cada vez mais comum. Ele não sofre de fixações ou fobias debilitantes, ou de conversão de energia sexual reprimida em moléstias nervosas; ao invés, ele se queixa de ‘insatisfação difusa, vaga, com a vida’, e sente que sua ‘existência amorfa é fútil e sem finalidade’. Ele descreve ‘sentimentos de vazio futilmente experimentados, embora penetrantes, e de depressão’, ‘oscilações violentas da auto-estima’ e ‘uma incapacidade geral de progredir’. Ele ganha uma ‘sensação de auto-estima aumentada somente quando se liga a figuras admiradas e fortes, cuja aceitação ele deseja muito, e por quem precisa se sentir apoiado’. Embora empreenda suas responsabilidades cotidianas e chegue mesmo à distinção, a felicidade o ilude e a vida freqüentemente não é, para ele, digna de ser vivida” (Lasch, 1983: 62).

Apoiado em psicanalistas como Kernberg, Kohut, Searles e outros autores kleinianos, Lasch sustenta que o narcisismo patológico decorre da re-

---

dentemente, a utilização de categorias semelhantes por autores como Lasch, Simmel e Dumont — para fazer menção apenas aos que já foram citados neste trabalho — não implica a desconsideração dos mesmos quanto às especificidades dos indivíduos e das culturas nas quais estes se inserem. Ocorre que não há como realizar um estudo sociológico sem que se faça algum tipo de generalização.

<sup>2</sup> Segundo Lasch, a concepção de narcisismo utilizada por Sennett, em *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade* (1988), devolve ao conceito seu valor heurístico, que havia sido perdido em outros estudos que relacionaram narcisismo e sociedades modernas. Para o autor, um dos méritos do livro de Sennett é o de retornar ao mito de Narciso e criticar a identificação entre narcisismo e auto-interesse ou egoísmo. O narcisismo deve ser pensado, para ambos, como defesa contra impulsos agressivos, em lugar de significar amor-próprio (Lasch, 1983: cap I).

gressão do ego, submetido a um superego arcaico, dominado pela pulsão de morte. Outro aspecto característico do quadro consiste na constituição de um “*self* grandioso”, além da idealização do objeto, sob a égide do narcisismo infantil. Essa dinâmica intrapsíquica seria a causa de sintomas como ansiedade, oscilação do humor, atenção voltada para o sexo e para o corpo, exibicionismo, avidez por celebridade, inveja, frieza afetiva, destrutividade nas relações amorosas e humanas em geral, entre outros. Neste sentido, Lasch afirma:

“Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impede de ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade. Pelo contrário, ela contribui para sua insegurança, que ele somente pode superar quando vê seu ‘eu grandioso’ refletido nas atenções das outras pessoas, ou ao se ligar àqueles que irradiam celebridade, poder e carisma. Para o narcisista, o mundo é um espelho, ao passo que o individualista áspero o via como um deserto vazio, a ser modelado segundo seus próprios desígnios” (Lasch, 1983: 30-31).

Lasch utiliza o conceito de narcisismo como um meio de compreender o impacto psicológico das recentes mudanças sociais. O narcisismo presente nas sociedades contemporâneas seria uma defesa contra tensões e ansiedades da vida moderna. Como afirma o autor,

“as condições sociais predominantes tendem (...) a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus, em todos nós. Estas condições também transformaram a família, que por sua vez modela a estrutura subjacente da personalidade” (Lasch, 1983: 76).

Em última análise, a personalidade narcisista é fruto da persistência do narcisismo infantil na vida do adulto, resultante de identificações patogênicas na infância. Segundo Lasch, o homem narcísico tem sua origem nesse superego arcaico, que, por sua vez, é um corolário da desestruturação da família burguesa tradicional. Nisto consiste a relação entre indivíduo e sociedade proposta por Lasch. Para tentar justificar a apropriação do narcisismo patológico, descrito pelos autores citados acima como um conceito que,

extrapolando sua utilização clínica *stricto sensu*, se presta a uma espécie de diagnose social, Lasch faz referências às transformações da estrutura familiar. Neste contexto, o autor dedica algumas páginas à discussão acerca da hipertrofia da esfera privada postulada por Sennett:

“Quando as relações pessoais são conduzidas sem outro objetivo além da sobrevivência psíquica, o ‘privatismo’ deixa de proporcionar um refúgio de um mundo sem coração. Pelo contrário, a vida privada assume as próprias qualidades da ordem social anárquica, para a qual se supõe que ela proporcione refúgio. **É a devastação da vida pessoal, não o recuo para o privatismo, que precisa ser criticada e condenada.** O problema do movimento pela conscientização não é que ele se destine a questões triviais ou irreais, mas que proporcione soluções que impliquem autoderrota. Originando-se de uma insatisfação penetrante para com a qualidade das relações pessoais, ele aconselha às pessoas a não fazerem investimentos muito grandes no amor e na amizade, a evitar dependência excessiva de outras pessoas e a viverem o momento — justamente as condições que criaram a crise das relações, em primeiro lugar” (Sennett, 1988: 50 - grifo nosso).

Como se vê, Lasch critica a hipótese explicativa de Sennett para o narcisismo moderno. Este não seria resultado de uma hipertrofia da esfera privada, como sustenta Sennett. Ao contrário, seria justamente uma espécie de esfacelamento da vida privada, originada pela perda de uma demarcação clara dos limites das fronteiras das esferas pública e privada. De acordo com Sennett, antes do século XIX a sociabilidade nas sociedades ocidentais independia da intimidade. As relações impessoais em público eram reguladas por convenções e signos públicos compartilhados. No século XIX, porém, as pessoas passaram a acreditar que as ações públicas revelavam a personalidade íntima do agente. O ideal romântico da sinceridade e da autenticidade desvalorizou os códigos sociais utilizados nos encontros interpessoais e destruiu os limites entre a vida pública e privada (Sennett, 1988: cap. VIII).

Lasch está de acordo com a crítica de Sennett aos efeitos perniciosos da ideologia da intimidade, que fazem com que o mundo público passe a ser visto como um espelho do eu. Entretanto, como assinalamos acima, não concorda com a relação proposta por Sennett entre narcisismo e hipertrofia da esfera privada. Neste sentido, Lasch (1983: 39) faz menção à “lasciva curiosidade sobre as vidas privadas de pessoas famosas” e se refere aos

escritos autobiográficos como gênero literário que confirma que é precisamente a vida íntima que não pode ser levada a sério. Além de duvidar que o abandono das preocupações políticas tenha redundado na maior qualidade da vida privada, Lasch sugere que a análise de Sennett acaba por desconsiderar a necessidade de reforma social. Nas palavras do autor:

“O conceito de Sennett de política adequada como sendo a política de egocentrismo compartilha com a tradição pluralística toquevilleana, da qual ele evidentemente se origina, um elemento ideológico próprio. A tendência desta análise é exaltar o liberalismo burguês como a única forma civilizada de vida política e a ‘civildade’ burguesa como a única forma não corrompida de conversação pública” (Lasch, 1983: 52).

Algumas páginas adiante, Lasch acrescenta:

“A despeito de sua idealização da vida pública do passado, o livro de Sennett participa da atual revolução contra a política — ou seja, a revolução contra a esperança de usar a política como um instrumento de mudança social. (...) Sennett culpa o mal-estar contemporâneo pela invasão da esfera pública cometida pela ideologia da intimidade. (...) Nossa sociedade, longe de favorecer a vida privada à custa da vida pública, tornou cada vez mais difíceis de serem conquistadas amizades profundas e duradouras, casos de amor e casamentos. À medida que a vida social se torna cada vez mais hostil e bárbara, as relações pessoais, que ostensivamente proporcionam alívio para estas condições, assumem o caráter de combate” (Lasch, 1983: 54).

Como vimos anteriormente, a família burguesa tradicional, transformada pelas injunções do capitalismo tardio, perde gradativamente sua função de “refúgio no mundo sem compaixão”. A “socialização da reprodução” abala a autoridade dos pais na educação dos filhos, tornando a família cada vez mais dependente dos profissionais da saúde. Para Marcuse, o superego desaparece com a ausência da autoridade paterna nas sociedades modernas (Costa, 1986). Essa ausência da mediação da figura paterna seria responsável pela dificuldade de internalização de normas e ideais sociais pelo indivíduo moderno. Contrário a esta posição, Lasch sustenta que o superego, ao invés de desaparecer, torna-se arcaico e punitivo, e escreve:

“À medida que as figuras de autoridade na sociedade moderna perdem sua ‘credibilidade’, o superego nos indivíduos cada vez mais tem origem nas primitivas fantasias infantis sobre seus pais — fantasias carregadas de ódio sádico — e não de ideais de ego interiorizados, formados pela experiência posterior com modelos amados e respeitados da conduta social” (Lasch, 1983: 33).

## Considerações Finais

Curiosamente, as críticas que Lasch endereça a Sennett, no sentido de considerá-lo um defensor saudosista da família burguesa, se assemelham ao tratamento que o historiador recebe por parte de alguns de seus críticos. Quanto a estes, pensamos que a acusação de saudosismo se justifica, em parte, pela falta de clareza com que Lasch se refere a sua proposta de reforma social. Em *A cultura do narcisismo*, o autor sugere a criação de “comunidades de competência”, como alternativa às condições impostas pelas sociedades de consumo. Essas comunidades consistiriam na criação de núcleos associativos por adultos leigos que, através da apropriação do conhecimento científico e da discussão crítica, encaminhariam a resolução dos problemas da comunidade. Dessa forma, evitar-se-ia a dependência aos tecnoburocratas, bem como o autoritarismo familiar do passado.

Costa (1986), apesar de não considerar Lasch um saudosista, critica a noção de narcisismo patológico como patognomônico da sociedade americana. Para o psicanalista, afirmar que a cultura americana é patogênica, uma vez que torna os indivíduos portadores de caráter patológico, é incorrer no equívoco de homogeneizar o psicológico e o patológico, bem como confundir traço étnico e traço psicopatológico. Para o autor, seria o mesmo que dizer que os americanos são doentes só por serem americanos. Citando Devereux, Costa lembra que o traço étnico é o produto do processo de socialização, enquanto o traço psicopatológico corresponderia a um distúrbio nesse processo. Toda cultura constrói um tipo psicológico ideal, parte integrante da identidade étnica de todo sujeito. O tipo narcisista corresponde ao tipo psicológico ideal erigido pela sociedade americana. Neste sentido, a personalidade narcísica americana não pode ser patológica. A cultura americana pode, isto sim, funcionar como estímulo psicopatogênico, no sentido de impor a certos indivíduos um desempenho psicológico inalcançável. A dissimetria entre as exigências do tipo psicológico ideal e os meios adequados ao cumprimento dessas exigências seria responsável pela resposta patológica.

O tipo ideal referido por Costa estaria, na cultura americana, associado ao culto da celebridade — cercada de encantamento e excitação —, promovido pelos meios de comunicação de massa. Segundo Lasch (1983: 43-44):

“a mídia (...) intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a se identificar com as estrelas e a odiar o ‘rebanho’, e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a realidade cotidiana. (...) A moderna propaganda de mercadorias e da boa vida sancionou a gratificação do impulso. (...) Contudo, essa mesma propaganda tornou insuportáveis o fracasso e a perda”.

Ainda para Costa, a análise de Lasch aponta para um fator determinante na compreensão das sociedades ocidentais contemporâneas, a saber: a promoção do consumo como sucedâneo do protesto e da rebelião. A propaganda desempenha aí um papel central. Se antes a propaganda se limitava a anunciar um produto, exaltando suas qualidades, ela passa a criar seu próprio produto: o consumidor eternamente insatisfeito. Em consonância com Lasch, Costa sustenta que o narcisismo moderno não deve ser considerado como mero hedonismo, mas sim como um **narcisismo regenerador**, defesa dos indivíduos ante a tirania dos ideais de beleza e juventude eternas propagados pela mídia em geral.

Muitas são as possibilidades de leitura crítica dos trabalhos de Lasch. Acreditamos que, para além de possíveis inconsistências em tal ou qual momento de sua obra, seus argumentos são, de modo geral, vigorosos e instigantes. Parece-nos que os dias de hoje confirmam o diagnóstico de Lasch. No mundo globalizado, que pretende aposentar palavras como nação ou Estado, o recuo da política é intensificado. Convictos de que o neoliberalismo é inelutável, os indivíduos se concentram mais do que nunca no próprio bem-estar. “**O cogito cartesiano ‘penso, logo sou’ parece transformar-se em ‘gozo, logo sou’**” (Costa, 1986: 118 – grifo nosso). Os argumentos de Lasch acerca do narcisismo contemporâneo como um fenômeno social e cultural nos ajudam, em última análise, a lançar luz sobre a complexa relação entre indivíduo e sociedade, questão inerente a todo pensamento sociológico. Gostaríamos de finalizar este trabalho com as palavras de Calligaris. Referindo-se ao psicanalista como xamã moderno, Calligaris assevera a necessidade de se pensar na dimensão psicológica como inextrincavelmente ligada à dimensão social, o que nos faz reafirmar a im-

portância da abordagem multidisciplinar na compreensão das questões relativas à condição humana:

“A modernidade ocidental só tem problemas psicológicos. Aliás, ela os inventou. Não é difícil entender como e por quê. Somos filhos de uma cultura na qual o indivíduo vale mais do que a comunidade e suas regras. Aqui, o lugar e a função preenchidos pela tradição são ocupados por problemáticas subjetivas e, em última instância, psicológicas. Qualquer impasse ou dificuldade de convivência, qualquer imperfeição (e só há imperfeições) relacional é prioritariamente da conta da subjetividade de cada um. (...) Como não constatar a grande novidade moderna, que comanda a transformação da família nos dois últimos séculos, sobretudo nas últimas décadas, em uma instituição regrada não mais pelas necessidades da comunidade, mas pelos afetos de seus membros, ou seja, pelo amor? E portanto, tão forte e tão frágil quanto um sentimento? Como não entender que nossas dificuldades proverbiais com a educação das crianças também são um efeito imediato dessa nova regra da instituição e da vida familiar, que é o amor?

Por isso, quando o xamã moderno acha que atende a problemas íntimos, ele está alimentando uma estranha ilusão. Na verdade, ele se ocupa dos problemas sociais de nosso tempo. Pois o foro íntimo, em uma cultura individualista, é o lugar (sofrido, inevitavelmente) onde se decidem as realidades sociais. Do mesmo jeito, o antropólogo da modernidade alimenta uma ilusão: ele pode achar que descreve a (movediça) realidade de fatos sociais. Na verdade, ele é um psicólogo e um psicopatólogo, pois o que ele descreve é uma sociedade onde a cada sujeito é incumbida a tarefa de sustentar ou criticar, aderir ou rejeitar, se integrar ou se afastar, obedecer ou resistir. O fato social é, de antemão, um drama interno ao sujeito” (Calligaris, 1996: 5-6).

## Referências Bibliográficas

- CALLIGARIS, C. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática, 1996.  
COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.  
DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia*

- moderna*. Tradução por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em Declínio*. Tradução por Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Tradução por João Roberto Martins Filho. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- REIS, E. Reflexões sobre o *homo sociologicus*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, s/p, out. 1989.
- RENWICK, M. Democracy's death rattle. Capturado na Internet, s/d. [www2.canoe.com/JamBooksReview](http://www2.canoe.com/JamBooksReview).
- SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução por Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Tradução por Sérgio Marques dos Reis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.